

RESENHA

A HISTÓRIA MUNDIAL DE GOUCHER E WALTON: UM PANORAMA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS¹

HEITOR CARDOSO MACIEL²

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas)

E-mail: heitor.maciел@aiesec.net

Os processos associados à crescente interconectividade entre as diversas regiões do mundo têm contribuído para a ampliação do debate em torno da escrita de uma história mundial que seja cada vez menos eurocêntrica. Assim, a história das relações internacionais tem buscado, sistematicamente, inter-relacionar nesta narrativa a maior parte do “Velho Mundo” da Afro-Eurásia. (FRANK; GILLS, 1993).

Candice Goucher e Linda Walton são as autoras de *História mundial*, cujo subtítulo, jornadas do passado ao presente, apontam para o tratamento de longa duração dado ao estudo da *World History* e para o caráter temático da sua abordagem. A obra é dividida em onze capítulos, divididos por peculiaridades que interferem e tem grande relevância na história internacional. Em cada um dos capítulos, as autoras retomam temas tratados do passado até o presente. Assim, os capítulos podem ser lidos em sequência, quanto individualmente.

O primeiro capítulo (a migração humana) e o nono capítulo (transmissão de tradições) são mais enfatizados, pois, a partir deles possibilita-se a compreensão do leitor sobre o desenvolvimento da história do ser humano na Terra (GOUCHER; WALTON, 2011: 13 - 35). Após a difusão do homem no globo, inicia-se o processo de domínio da terra e das inovações. Isso se deve à habilidade de caminhar, um dos fatores incisivos para a travessia do ambiente de uma forma mais afortunada, possibilitando o livre uso das mãos e, assim, maior facilidade na produção de tecnologias. Tais tecnologias não foram uniformes, variando de acordo com o

¹ Resenha do livro *História mundial: jornadas do passado ao presente* de GOUCHER, Candice; WALTON, Linda. Porto Alegre: Penso, 2011.

² Graduando em Relações Interacionais na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

ambiente que o homem ocupava e exigindo instrumentos profícuos ao meio ambiente residido.

A obra quebra estereótipos atuais de nossa sociedade, demonstrando que a poluição e o desmatamento não são características fixas das tecnologias do mundo moderno, pois até mesmo o fogo, uma das tecnologias mais básicas, possibilitou a transformação da paisagem física. Entretanto, o fogo incentivou a cooperação entre os seres humanos, o que proporcionaria uma maior troca de informações e uma futura fixação do homem em assentamentos. (GOUCHER; WALTON, 2011: 36 - 65).

O advento da agricultura providenciaria a formação de assentamentos maiores e também foi um fator significativo para o surgimento de novas tecnologias. Elas propiciavam a fixação de comunidades grandes e a oportunidade de alguns indivíduos se especializarem, geralmente uma elite, em áreas de inovação tecnológica, enquanto os demais providenciavam a alimentação para a comunidade e outras tarefas. Fatores negativos também estavam ligados aos assentamentos, seja tornando o trabalho sujeito a rotinas e no declínio da expectativa de vida. (GOUCHER; WALTON, 2011: 66 - 95)

Posteriormente ocorreu a formação de cidades. No entanto, a agricultura não levou automaticamente à urbanização, observando-se que cada formação urbana teve suas particularidades. (GOUCHER; WALTON, 2011: 66 - 95). As autoras fazem interessante exposição que conjuga civilização e formação de cidades. Como exemplo apontam “arquitetura de monumentos, normalmente de natureza religiosa; escrita ou sistema formal de manter registros e comunicação; comércio, estruturas governamentais formais, estratificação social e arte representativa” (GOUCHER; WALTON, 2011: 69).

As cidades fomentaram as transações comerciais possibilitando uma atração ainda maior de pessoas, produtos, ideias e conhecimento. Assim, governos como o dos Xoguns Tokugawa, no Japão, que tentaram restringir essa interação e manter a sociedade rigidamente na agricultura, não foram bem sucedidos. Ainda aponta-se que as novas variedades de alimentos influenciaram aumentos demográficos. Além do comércio, as cidades obtinham recursos pela guerra.

A tecnologia dos metais seria imprescindível para as nações, impactando o cotidiano e a agricultura. Tal valorização tecnológica pode ser demonstrada no oeste da África, onde o uso do metal suscitou a veneração dos metalúrgicos especialistas, transformando-os em membros poderosos da sociedade.

Goucher e Walton fazem uma ruptura com o eurocentrismo ao demonstrar que, na China, os níveis tecnológicos da produção de ferro se parearam com o da Revolução Industrial na Inglaterra, 500 anos depois. Além disso, foi na China, no século III, onde se inventou a tecnologia do papel e na Coreia e no Japão, no século VIII, onde ocorreram às primeiras impressões em papel. O prestígio europeu também teve influência dos árabes, pois as cruzadas possibilitaram aos europeus a busca do conhecimento que foi perdido durante a queda de Roma. Todos esses fatores demonstram ser errônea a crença europeia em considerar sua hegemonia e inovações sem influências externas.

É interessante enfatizar a variedade de dispositivos de memória que a obra expõe, exemplos desses são a lukasa (tábua de madeira portátil) e o quipu (corda com nós colorida). Contudo é a escrita que tomaria proporções globais. Segundo Goucher e Walton, “uma vez que as necessidades materiais de grandes populações estavam sendo satisfeitas, uma forma urbana característica que surgiu foi o complexo cerimonial” (GOUCHER; WALTON, 2011: p 73). As religiões foram um meio de integrar e criar laços em determinado território, até mesmo sendo utilizadas por governantes para o prestígio econômico com outros países ou para sancionar seus governos. Contudo, como demonstrado, apenas algumas religiões tiveram impacto global, seja pela sua disseminação pelo comércio ou guerra. Essas seriam o Budismo, Cristianismo e o Islamismo. (GOUCHER; WALTON, 2011: 96 - 131)

Interessante ressaltarmos a semelhança da confrontação de reformas nas religiões cristãs e islâmicas, ocasionadas por frustrações dos fiéis. No caso islâmico, a principal influência seria o hajj, pois possibilitava troca de informações e ideias. Já no cristianismo, o fator moral foi o preponderante. Porém, também devemos considerar o fator político, pois esse demonstra o início do advento do Estado-Nação, já que Estados, principalmente centralizados ao Noroeste da Europa, contestavam a noção de uma igreja universal. Esta reclamava a jurisdição sobre o Estado nacional e seu governo, ocorrendo uma colisão entre a consciência nacional emergente com o ideal universal cristão.

O Budismo surge como uma articulação dos Upanishads no hinduísmo e um meio de fugir da intensa restrição de mobilidade social da religião hindu. Diferente do islamismo e do cristianismo, a expansão das crenças budistas em outros territórios não foi seguida de uma imposição radical para os povos nativos. Muitas vezes governantes patrocinavam a religião budista para unificar regiões do território (China) ou para sancionar seus governos (Império Khmer).

Goucher e Walton defendem que, no decorrer da história, ocorreram apropriações culturais e controle do passado pelos colonizadores. Esse artifício é utilizado para desprestigiar o outro ator ou legitimar sua ação perante ele, facilitando a dominação e o estabelecimento da ideologia do “invasor”. Antes de uma análise mais aprofundada do imperialismo europeu e suas implicações na política doméstica de outros países, devemos ressaltar a influência europeias com o Colonialismo, o enfraquecimento dos impérios ao redor do mundo, a formação do Estado-Nação e a Revolução industrial.

O desenvolvimento da Revolução industrial gerou um modo de produção próprio, o capitalismo industrial. A obra expõe as variações do capitalismo no decorrer da história. Ele surge como agrícola e, posteriormente, modifica-se para comercial, industrial e, por fim, financeiro. Esse fato demonstra a característica camaleônica do capitalismo que demonstrou-se capaz de adaptar-se às modificações do contexto.

O conjunto de inovações tecnológicas do século XVIII causou a chamada Revolução Industrial. Goucher e Walton demonstram a intensa exploração de recursos humanos e naturais deste evento, exibindo alterações tanto na esfera privada familiar, quanto na esfera laboral. O trabalho na fábrica resultou na perda da independência do trabalhador e modificou o aspecto temporal da vida familiar que acaba modificada pela influência burguesa. Para tentar solucionar a condição do proletariado, novas teorias surgiram, sendo o marxismo a com maior projeção. (GOUCHER; WALTON, 2011: 132 - 159). A teoria marxista baseia-se no materialismo histórico, enfatizando a história das sociedades através de fatos materiais, essencialmente os econômicos. Marx introduziu a concepção de classes, caracterizadas pela estratificação da sociedade a partir de critérios sociais e econômicos, tornando possível observá-las nas relações sociais de produção.

Segundo Marx, a discrepância entre o proletariado e os capitalistas fomentaria uma consciência coletiva de classe do proletariado, determinando, posteriormente, uma luta entre o proletariado e os capitalistas. O resultado deste conflito seria uma sociedade sem classe. A análise de Marx demonstrou-se sedutora, pois gerava a expectativa de mudança para a classe proletária, sendo, assim, bastante difundida no século XIX (GOUCHER; WALTON, 2011: 227-229).

A partir do século XIX, outros países Europeus e os Estados Unidos empregaram o modelo industrial. Assim, tinha-se uma maior quantidade de indústrias competindo entre si, gerando uma busca incessante por matéria-prima, mercado consumidor e mão de obra barata. A competição culminou na Conferência de Berlim, entre novembro de 1884 e fevereiro de 1885, onde as potências europeias iriam partilhar, por meio de regras e acordos, a África. Por conseguinte, a Ásia seria também dominada pelas potências europeias, porém de modo menos incisivo que a África. Segundo Lênin, o imperialismo minimizou empecilhos domésticos, pois exportou a desigualdade, aumentando a prosperidade do proletariado europeu e encontrando um meio de transbordar o capital. (GOUCHER; WALTON, 2011: 160 - 197).

O imperialismo disseminou mundialmente o industrialismo e o nacionalismo. Observa-se que o imperialismo foi uma extensão do colonialismo, possibilitando a dominação europeia em espaço global. Essa dominação foi possível devido às tecnologias de transporte que possibilitaram a integração e a infiltração europeia para o centro africano. Entretanto, essa dominação e ascensão europeia teriam limites. A excessiva ambição dos países europeus desencadearia a Primeira Guerra mundial, desfazendo a hegemonia do continente no sistema internacional.

A Primeira Guerra mundial (1914 a 1918) foi um embate entre a Tríplice Aliança (Alemanha, Áustria-Hungria e Itália) contra a Tríplice Entente (Grã-Bretanha, França e a Rússia). A Rússia entraria sem os recursos necessários e, em princípios de 1917, sua população revoltada precipitaria a Revolução Bolchevique, fazendo este ator afastar-se da guerra. Tal modificação resultaria em alteração do equilíbrio de poder na esfera internacional.

A obra também analisa a criação da Liga das Nações, órgão criado com a pretensão de mediar às relações entre os Estados e evitar a eclosão de guerras em níveis semelhantes à Primeira Guerra Mundial. Goucher e Walton foram afortunados na exposição falhas dessa instituição que fracassou em seu objetivo. Entretanto, os autores negligenciaram um dos principais

RICRI Vol.2, No. 3, pp.125-132

motivos da erosão das Ligas das Nações: a homogeneização dos atores dentro da instituição, o que não foi aceito pelos atores estatais que possuíam maiores *capabilities* no sistema internacional. (NYE, 2009: 109-117). O resultado foi a eclosão da Segunda Guerra Mundial.

A obra também aborda as questões do gênero feminino durante as duas grandes guerras. A mulher, em alguns países ocidentais, assumiu serviços costumeiramente masculinos, providenciando um pensamento mais independente e reconsiderando o papel feminino na sociedade. No entanto, a prostituição das mulheres feita pelo Japão nas colônias asiáticas demonstra situação inversa ao primeiro exemplo. (GOUCHER; WALTON, 2011: 271 - 304).

As fronteiras são outro tópico abordado. Elas possuem duplo significado. Por um lado são pontes pelas quais trabalhadores, refugiados, turistas e comerciantes se movem e, por outro, se constituem em barreira utilizada pelos Estados-Nação a fim de proteger sua soberania e território. Através delas, defini-se a inclusão ou exclusão daqueles que fazem ou não parte da nação. (GOUCHER; WALTON, 2011: 305 - 338).

Mais do que a definição do território, traçar os limites também é uma afirmação de identidade, cercamento, inclusão e distinção do próprio território em relação aos “outros”. O conceito de fronteira, dessa forma, opera tanto metaforicamente quanto materialmente: as fronteiras podem referir-se ao corpo físico e às categorias sociais e culturais, assim como o espaço geográfico. As zonas que existem entre os limites – que podem ser geográficos, culturais, sociais ou políticos – são as fronteiras, arenas especialmente fluidas de interação cultural, social e econômica. (GOUCHER E WALTON, 2011: 306)

A tecnologia permitiu a comunicação instantânea ao redor do mundo, transformando as identidades sociais, culturais, políticas e econômicas em todo o planeta. Os resultados deste processo aclararam um movimento contraditório: o Estado Nação parece ter reduzido sua importância por esta percepção de semelhança e pertencimento entre indivíduos, mas, ao mesmo tempo, observa-se o resurgimento de novos nacionalismos que repelem o diferente, o estrangeiro.

A Primeira e a Segunda guerras mundiais ocasionaram o enfraquecimento europeu, acarretando na independência dos países asiáticos e africanos. Contudo, esses países acabariam por sofrer influência da URSS e dos EUA que emergiram como as principais potências ao término da segunda guerra. Observa-se a coformação de um sistema

internacional bipolar com dois modelos distintos, o capitalismo e o socialismo. (GOUCHER; WALTON, 2011: 305 - 338).

Com o fim das duas grandes guerras e da guerra fria, ocorreu um constrangimento internacional sobre atividades bélicas, porém os atores conseguiram utilizar outros pretextos para realização e produção de armamento (GOUCHER; WALTON, 2011: 339 - 369). Segundo os autores, “apesar da grande redução dos armamentos (especialmente após o Tratado de Redução de armas Estratégicas, de 1991), as perspectivas internacionais sobre o papel das armas na geração de segurança não foram alteradas” (GOUCHER; WALTON, 2011: 361).

Goucher e Walton demonstram que a consolidação do capital financeiro e a maior interação dos atores criaram um vínculo de dependência mútua entre eles. Evidenciamos que essa mesma interação causou a identificação de indivíduos de diversos continentes, gerando uma maior ênfase no crescimento do pluralismo nos Estados Nações. Esse maior vínculo entre indivíduos pode ser analisado pela emergência de conceitos cosmopolitas e de direitos humanos e ambientais universais. Contudo, estes últimos ainda possuem divergências para se consolidar em âmbito mundial, pois tanto nos direitos humanos e ambientais ocorrem discordâncias sobre como esses conceitos devem ser estruturados. Todo esse contexto é bem representado pela teoria da Interdependência complexa. (KEOHANE; NYE, 1977)

A partir da obra realizada por Goucher e Walton, podemos perceber o complexo processo histórico das relações internacionais, das migrações dos hominídeos até as transações e interações complexas atuais. Destaca-se, no entanto, que as ideias seriam um dos principais fatores das mudanças históricas, pois possibilitam modos de o indivíduo ver o mundo. Elas são importadas e exportadas e recebem novos significados em cada cultura. Como demonstrado, a homogeneização plena de ideias, estruturas e instituições não existe. Deste modo, deve-se ampliar a noção de mundo para além do ocidente para que se possa entender as peculiaridades de cada contexto social. No contexto atual, as ideias seriam as catalisadoras da intensa e rápida modificação dos significados e símbolos, tornando possível romper preconceitos e compreender o outro e seu modo de pensar.

Referências bibliográficas

FRANK, A.G; GILLS, B.K. (1993), *Five Hundred Years or Five Thousand?.* Londres, Routledge.

GOUCHER, Candice; WALTON, Linda. (2011), *História mundial: jornadas do passado ao presente.* Porto Alegre, Penso.

KEOHANE, Robert O; NYE, Joseph S. (1977), *Power and interdependence: World Politics in Transition.* Boston, Little Brown and Company.

NYE JR, Joseph S. (2009), *Cooperação e conflito nas relações internacionais.* São Paulo, Editora Gente.